

5

O/as aluno/as do curso de Serviço Social: a experiência vivida

Foram realizadas dezesseis entrevistas com alunos e alunas do curso de Serviço Social, escolhidos/as aleatoriamente: cinco do 4º período, cinco do 6º e seis do 8º, sendo este último o período de conclusão do curso. Participaram das entrevistas quinze alunas e um aluno, o que revela a feminilização desta profissão. Todas as entrevistas foram realizadas na PUC/Rio, no segundo semestre de 2002.

5.1

Perfil do/as entrevistado/as

Pedimos ao/às entrevistado/as que preenchesse(m) uma ficha de dados pessoais antes de iniciarmos as entrevistas onde solicitávamos informações tais como: idade, local de moradia e nascimento, estado civil, número de filhos, cor, religião e local onde concluíram o Ensino Médio. Além desses dados, pedimos que também nos informassem se haviam feito algum curso pré-vestibular antes de ingressarem na universidade.

No que se refere à idade, encontramos uma média alta – 29,8 anos –, o que confirma que esses alunos e alunas chegam mais tarde à universidade. Os locais de moradia e nascimento foram variados: cinco pessoas residem na zona norte da cidade do Rio de Janeiro; cinco na zona sul (três dividem apartamento com outros estudantes da universidade); quatro na zona oeste e duas na Baixada Fluminense. Do total de entrevistados/as, dez pessoas nasceram na cidade do Rio de Janeiro; duas na Baixada Fluminense; duas em cidades de outros estados (Pelotas/RS e Gouveia/MG); uma em Petrópolis e uma aluna estrangeira do programa de intercâmbio nasceu em Cabo Verde.

Quanto ao estado civil, nove declararam-se solteiro/as; cinco casadas, sendo que quatro delas têm filhos/as; uma separada com uma filha e uma solteira

consagrada (religiosa) que pertence à congregação das Irmãs Carmelitas Descalças Servas dos Pobres do Brasil.

No item cor, nove declararam-se negro/as; quatro pardas; uma preta; uma morena clara e uma branca. Estes dados demonstram que a maioria do corpo discente é formada por alunos/as negros/as.

A religião declarada por cinco pessoas foi a católica; outras cinco disseram-se evangélicas; duas católica não-praticante; duas afirmaram que sua religião é Deus; uma o candomblé e uma não declarou.

O item sobre a formação no Ensino Médio revelou que do total de entrevistados/as apenas uma aluna cursou este nível de ensino em uma escola particular. Os demais estudaram em escolas públicas.

A pergunta sobre o curso pré-vestibular demonstrou que três alunas não fizeram nenhum curso preparatório antes de ingressarem na universidade, enquanto treze pessoas prepararam-se em um pré-vestibular comunitário. No caso do/as entrevistado/as, tanto o aluno quanto as alunas prepararam-se no PVNC (Pré-Vestibular para Negros e Carentes) nos seus mais diversos núcleos: três estudantes no núcleo de Realengo; três em Jacarepaguá; dois na Tijuca; dois na Cidade de Deus; um em Nilópolis; um em Petrópolis e um no núcleo Marinheiro João Cândido. Este dado demonstra que apesar de terem recebido alunos e alunas de outros pré-vestibulares comunitários no curso de Serviço Social, bem como pessoas oriundas de ONGs ou lideranças comunitárias, a maioria dos/as entrevistados/as vieram do PVNC, o que revela a importância e o crescimento desse movimento que se propõe preparar estudantes de baixa renda e negros para ingressarem nas universidades.

Já nas perguntas iniciais da entrevista, pedimos ao/às entrevistado/as que nos dissesse(m) se estava(m) trabalhando atualmente. As respostas foram muito variadas: quatro pessoas disseram que estavam fazendo estágio remunerado; três trabalhavam em áreas como: saúde, esportes e nas obras sociais da congregação religiosa; três faziam estágios não remunerados; três participavam de grupos de pesquisa do Departamento de Serviço Social; uma trabalhava como autônoma e uma estava desenvolvendo um trabalho voluntário em um curso pré-técnico, preparatório para

estudantes do Ensino Fundamental que vão prestar exames para o Ensino Médio, nos moldes do PVNC, na comunidade onde mora.

Ainda na fase inicial da entrevista, obtivemos informações sobre os tipos de bolsas de estudos que são concedidas a esses/as estudantes: treze possuem a bolsa de Ação Social; uma aluna possui uma bolsa reembolsável; outra uma bolsa seminarista concedida para *“as pessoas consagradas, tanto seminaristas que estão se preparando para o sacerdócio, quanto para religiosas também”* e a aluna do programa de intercâmbio possui a bolsa convênio, destinada aos estudantes estrangeiros.

5.2

“Tentei para todas as universidades” : escolha do curso e da universidade

Foi perguntado ao/às entrevistado/as quais foram as razões que o/as fez/fizeram escolher o curso de graduação em Serviço Social. Nove responderam que o curso de Serviço Social foi a primeira opção no vestibular porque *“conheceram Assistentes Sociais e se interessaram pela profissão”, “sempre gostaram da área social”, “de lidar com pessoas”* ou *“porque vieram se instrumentalizar para desenvolver melhor os trabalhos nas suas comunidades”*. Alguns depoimentos são ilustrativos:

Eu sempre tive uma paixão por trabalhar com menino de rua, e agora estou pensando um projeto de menor infrator, principalmente menor de rua. Leio sobre as ONGs, essas coisas todas, os absurdos que a gente vê por aí, tenho livros, foi isso que me estimulou.

Sempre tive interesse pela área social. No começo por não conhecer muito bem o que vem a ser o Serviço Social eu fiquei em dúvida, mas depois conhecendo melhor pensei: É o Serviço Social que eu quero fazer. E aí tentei para todas as universidades o Serviço Social, eu queria mesmo era o Serviço Social.

Foi justamente a necessidade de ter mais competência profissional dentro das obras da congregação. Nós temos creches e ações comunitárias, e nós precisamos de Assistentes Sociais, não só Assistentes Sociais, mas também pedagogas. Tem irmãs nossas na Pedagogia, na Teologia, e eu e uma outra irmã no Serviço Social para poder dar uma cobertura nessas obras, estar trabalhando ali, direto com isso.

No entanto, seis pessoas afirmaram que não tinham o Serviço Social como primeira opção e que fizeram vestibular para outras universidades e outros cursos: duas alunas queriam fazer Psicologia; outras duas Turismo; uma Medicina ou Enfermagem e o aluno pretendia cursar Radialismo. Entretanto, afirmaram que se identificaram depois que iniciaram o curso. Procurando explicar porquê mudaram sua opção de curso algumas pessoas expressaram-se da seguinte forma:

Na realidade eu não escolhi Serviço Social. Fiz vestibular para cinco universidades. Em três eu coloquei psicologia, uma biblioteconomia e aqui na PUC coloquei Serviço Social. Passei para biblioteconomia e aqui para a PUC e não passei para nenhuma de psicologia, mas eu queria mesmo era psicologia. Não sei porque não coloquei psicologia aqui. Aí comecei o curso, me apaixonei. Acho que se tivesse feito psicologia teria me decepcionado em relação a algumas coisas.

É horrível essa pergunta, que eu mesmo me faço, ainda brinco com as pessoas que foi a profissão que me escolheu e não eu que escolhi a profissão, porque não era o meu principal objetivo mesmo o Serviço Social (...) na metade eu achei que ia trancar, ia mudar de curso. Primeiro o Serviço Social seria uma... hipótese de ser só uma escada, de passar no vestibular, mas agora não, agora é um curso que eu estou gostando e que tem a ver comigo.

Eu pensei em fazer psicologia. Só que eu queria fazer psicologia e trabalhar com o social, trabalhar com a população carente. Aí quando eu estava me inscrevendo na PUC eu vi assim: Serviço Social. Aí eu achei que me identificava mais, mas eu não sabia direito. Até eu entrar na faculdade eu não sabia direito o que a Assistente Social fazia, mas acho que isso acontece com todas as profissões. E aí eu me inscrevi em todas as outras em Serviço Social.

Uma aluna que fazia o curso de Sociologia na PUC pediu transferência para o curso de Serviço Social e justificou sua opção assim:

Bom, na realidade eu não escolhi o curso de Serviço Social diretamente. Eu entrei aqui na PUC no ano de 1998 para o curso de Ciências Sociais, Sociologia, que eu já tinha escolhido como carreira para eu seguir, mas não seria uma carreira que eu pudesse atuar na prática, como eu havia pensado. Eu ia ficar mais no campo da reflexão, da pesquisa, foi aí que vi o Serviço Social como opção de além de estar atuando...claro que a gente também pode estar no campo da reflexão, no campo da pesquisa, mas num campo onde eu poderia estar trabalhando com a população diretamente.

Perguntamos também porque haviam escolhido esta universidade para fazerem um curso de graduação. As respostas obtidas foram muito variadas. Duas alunas disseram que a escolha se deu porque a *“PUC é uma universidade conceituada, era uma das melhores que dava o Serviço Social”*. Para os/as demais estudantes este aspecto também foi considerado importante, mas o principal fator foi a oportunidade de obterem uma bolsa de estudos. Depoimentos como: *“eu tentei vestibular para as públicas, não passei e passei para cá. Aí como eu consegui a bolsa eu resolvi ficar”* ou *“eu fazia o PVNC, então ao fazer o curso soube da PUC e tentei fazer o vestibular para cá porque caso eu passasse teria também uma bolsa, não seria uma universidade que eu teria que arcar com as despesas das mensalidades. Se fosse para arcar eu não poderia frequentar”*, evidenciam que o programa de concessão de bolsas de estudos implementado pela universidade foi um fator decisivo para esta escolha.

Apesar disso, foi enfatizado que o principal objetivo era a aprovação em uma universidade pública, mas como queriam fazer um curso superior vieram para a PUC:

A princípio meu intuito, acho que pela proposta ideológica, identificadora do próprio movimento (PVNC), era tentar pública, era passar para a pública.

Tentei para várias universidades, passei para a UFRJ, mas passei para a segunda reclassificação. Como eu tinha conseguido aqui para a PUC eu preferi e entrei logo.

Além dos aspectos citados, uma aluna disse que esta não foi uma decisão fácil e, expressou-se de maneira contundente:

Não foi escolha. Eu tentei para todas as universidades. No primeiro ano eu só tentei para as públicas, não tentei para a PUC. Eu teria passado para a PUC, aí fiquei com preconceito: - Não, PUC não. (...) inclusive acho que não tenho um bom relacionamento aqui por isso. Porque meu mundo lá fora é muito diferente desse mundo aqui, até meu mundo de convivência política.

Por outro lado, duas alunas revelaram que tinham um grande desejo de estudar na PUC:

A PUC foi uma coisa interessante...era meu sonho de consumo estudar na PUC, mas era aquele sonho longe, distante, porque minha família tem renda baixa e tem aquela coisa de... a PUC é elite, não tem chance de conseguir entrar lá, a não ser que você tenha muita grana. (...) eu conheci a PUC no PVNC, tive a chance de vir para cá, consegui a bolsa de Ação Social... eu não poderia desperdiçar uma chance dessa.

A PUC era um sonho. Um sonho que graças a Deus eu realizei. Eu fazia o 2º grau aqui no André Maurois e todo dia eu passava e dizia assim: - Quando eu terminar vou entrar nessa faculdade. Essa faculdade é a faculdade dos meus sonhos. Todo dia. Isso passou, passaram-se 22 anos, agora voltei a estudar, fiz o pré-vestibular e falei assim: - É a PUC que eu quero. Tentei a UERJ, a UNIRIO, mas falei: - Tem que ser a PUC. E tentei a PUC. Graças a Deus estou aqui, o sonho está quase se realizando.

Estes depoimentos revelam diferentes buscas e sonhos. Para algumas pessoas, a opção pela PUC era clara e explícita. No entanto, para outras as possibilidades concretas terminaram por favorecer a entrada na PUC e no curso de Serviço Social, mesmo quando o desejo inicial era outro.

No que se refere à pergunta sobre a escolha do curso, as respostas obtidas corroboram os resultados apresentados pela pesquisa de Simões (2000). De acordo com o autor, independentemente do curso analisado uma maioria significativa já conhecia o Serviço Social antes de ingressar na universidade e, escolheu este curso como primeira opção¹.

As motivações mais apontadas pelos alunos nesta pesquisa, para ingressar no curso de Serviço Social foram: adequação às aptidões pessoais; desejo de ajudar o próximo; o curso foi indicado por profissional da área (Simões,2000:33). A opção mais citada foi a adequação às aptidões pessoais que, para o autor, *“revela uma identificação do aluno com o que ele sabe sobre assistência ou acredita ser o Serviço Social. Como suas referências maiores estão no campo da religião e dos trabalhos beneficentes, é a este universo que o aluno está referenciado”*(p.33).

Ainda de acordo com este autor, a intenção é ingressar em um curso universitário que *“possibilite uma forma de intervenção no mundo, a partir de uma maior compreensão do mesmo, além de uma melhora no nível de instrução dos*

¹ O item sobre as expectativas profissionais revelou que, aproximadamente 60% dos alunos já conhecia o curso antes de ingressar na universidade e, destes, 82% escolheram Serviço Social como primeira opção.

alunos. A ascensão social, embora alcançada pela via da entrada na universidade, não figura como um objetivo ‘em si’ dos discentes”(p.35).

5.3

“O que eu acho mais positivo tem sido a abertura de horizontes”: a vida universitária

Pedimos ao/às entrevistado/as que relatasse(m) quais eram os aspectos mais positivos na vida universitária. Foi possível perceber, através dos depoimentos, que os aspectos mais citados foram o conhecimento que vem sendo adquirido ao longo do curso, o crescimento pessoal, a possibilidade de poder fazer contato com diferentes áreas do saber, a prática nos campos de estágio *“como ponte entre a visão teórica, conceitual e a prática”*, e a convivência com as pessoas de diferentes classes sociais.

Eu acho que é o conhecimento. Lá fora você não vê a dimensão que tem aqui dentro, que é o aprendizado, o crescer, porque você aos poucos cresce muito mais do que você pode imaginar. Então, para mim está sendo uma coisa surpreendente.

Para mim eu acho que é tudo. Conhecimento que eu estou recebendo aqui, muita coisa que, às vezes, você lia, ouvia, via, não tinha um peso e hoje já tem um peso muito grande. Você pára para refletir em cima daquilo, para analisar... eu já vejo muita coisa com outros olhos, eu tenho crescido muito com tudo na faculdade, para mim isso aqui foi um mundo novo, eu nunca me imaginei dentro de uma faculdade, sinceramente não me imaginei, principalmente numa faculdade assim como a PUC. Para mim está sendo tudo muito bom e um crescimento muito bom mesmo.

Eu acho que além do conhecimento teórico é também... acho que o universo mesmo. Conhecer pessoas de classes sociais diferentes sabe? Estilos diferentes, cursos, cada um com um pensamento. Eu acho que cada vez mais a gente acaba pensando que não tem o certo ou errado e que a diferença é boa, sabe? Acho que é isso que me faz estar gostando de estar na universidade, de estar na PUC... acho que a diversidade.

O contato com outras pessoas, de outras formações, enfim... da formação que eu quis dizer no social, mas com um nível mais avançado. Isso tem sido muito importante para mim. A diversidade que tem a PUC; das várias classes que agora está tendo aqui... nesse encontro de classes que agora vem... acho que está mais arraigado. Acho que isso é uma coisa bem expressiva aqui na PUC para mim.

O que eu acho mais positivo tem sido, em primeiro lugar, a abertura de horizontes que é realmente muito grande, te dá uma visão. O contato com outros cursos, porque é uma universidade... você está em contato com outras áreas do saber e isso enriquece humanamente e também espiritualmente, se você sabe fazer a síntese das duas coisas.

Para uma outra aluna o mais significativo tem sido o reconhecimento que vem obtendo dentro do curso. Ela expressou-se da seguinte maneira:

Mais positivo tem sido o reconhecimento enquanto aluna. Hoje participo da pesquisa como bolsista de Iniciação Científica, sou do PIBIC, passei por uma entrevista, passei por uma seleção, isso aí para mim foi um grande reconhecimento. Fiz a minha primeira apresentação no PIBIC esse ano, essa semana mesmo, as alunas, a professora, todos falaram que foi a melhor apresentação até agora. Isso para mim foi... ter o reconhecimento para mim é muito gratificante. É a prova de que eu estou no lugar certo, fazendo a coisa certa e bem feita, entendeu?

Quanto aos aspectos que consideraram menos gratificantes e/ou negativos, as respostas foram muito variadas e vão desde questões burocráticas da universidade como adequação dos horários do curso às necessidades do corpo discente, passando pela falta de tempo para dedicarem-se mais aos estudos devido ao fato de que precisam trabalhar, pelo cansaço, moradia distante, pelas dificuldades com a leitura e a escrita, o estranhamento na entrada e as dificuldades econômicas para manterem-se na universidade. Alguns depoimentos são bastante significativos:

Eu fico triste porque não tenho muito tempo para me dedicar da maneira que eu acho que poderia estar me dedicando. Eu poderia dar muito mais de mim, eu não posso porque tenho que trabalhar. Se eu tenho que trabalhar já não tenho tanto tempo para estar estudando.

Minha dificuldade é... fiquei muito tempo sem estudar, muitos anos, não tinha prática de leitura porque não tive mesmo nenhum incentivo para estudar. Está muito difícil, mas eu não pretendo parar. Só quando eu me formar.

Negativo a diferença. Diferença da... assim, para mim quando entrei foi um choque por causa da convivência. Eu vim lá de baixo e aqui você vê pessoas, totalmente, diferentes, e a discriminação você encontra muito. Já sou uma pessoa muito fechada, isso já ajuda muito, eu fico na minha... agora mesmo estou fazendo um curso que só eu sou bolsista na turma, então tem aquela discriminação legal mesmo, só eu sou negra... é uma coisa difícil de se lidar nesse ponto.

O fator econômico, realmente, é muito forte na universidade. É difícil você conseguir viver sem ter condições dentro da universidade. A relação também... a diversidade por um lado é muito legal, mas pelo outro lado há restrições, de uma certa forma... um olhar diferente, uma percepção. As pessoas não acreditam que você é universitário, acho que essa é a pior barreira mesmo. Acho que a Mostra PUC foi assim, muito claro para nós do Serviço Social e para as pessoas negras. A gente chegava em um stand: - 'Você não faz universidade. Para estar aqui você precisa estar na universidade'. As pessoas ainda não acreditam que você esteja na universidade. Acho que isso é um fator muito forte, que é o estereótipo que a universidade também traz; quem é o alunado.

Estes depoimentos revelam que a diferença sócio-econômica e cultural provoca neste grupo de estudantes um estranhamento em relação ao contexto universitário.

Segundo Candau (2001),

a cultura universitária não está acostumada a lidar com a diversidade social e cultural, tendo caráter monocultural, e reforçando os mecanismos de discriminação e preconceito vigentes na sociedade em relação às pessoas oriundas de camadas populares e afrodescendentes. (p.5)

A universidade implementou medidas sócio-econômicas que têm facilitado a permanência desses alunos e alunas na universidade através da bolsa de ação social e dos apoios oferecidos pelo FESP que garantem alimentação, xerox, transporte e mais recentemente auxílio moradia. Neste sentido, *“tem viabilizado a presença desses alunos e alunas em muitos cursos da universidade, mas têm sido insuficientes para garantir a permanência e favorecer sua plena inserção na vida acadêmica”*(idem,p. 7).

De acordo com a autora, para que estes estudantes sejam *“capazes de alcançar níveis de aprendizagem de qualidade acadêmica e serem agentes sociais multiplicadores, o que supõe condições adequadas para desenvolverem plenamente suas potencialidades”*(p.7), a universidade precisa articular medidas sócio-econômicas e medidas sócio-pedagógicas e de caráter acadêmico para que possam enfrentar as exigências da vida universitária.

Tratando ainda da dinâmica interna da universidade, perguntamos ao/às entrevistado/as quais eram os locais mais freqüentados por ele/as e, como viam a

relação entre os/as alunos/as do curso de Serviço Social com os demais estudantes da PUC. As respostas mais recorrentes para a primeira questão foram: RDC, Pastoral Universitária, jardins e bandeijão. Apenas uma aluna não oriunda de pré-vestibulares comunitários declarou que freqüentava, esporadicamente, a Vila dos Diretórios. Para ela, a “*PUC é cheia de guetos*”. A fala de uma outra aluna ilustra esta afirmação:

Eu acho que existem lugares que poderiam ser mais usados por nós que somos bolsistas, mas parece que é o lugar assim... da elite. Por exemplo, os pilotis. Eu acho uma coisa maravilhosa, deve ser maravilhoso você sentar ali no chão, você esticar as suas pernas, ficar totalmente a vontade como a elite faz, mas parece que existe assim... você só vê a elite mesmo fazendo isso, entendeu? O pessoal do Serviço Social, por exemplo, de Geografia, de História você não vê sentado ali. E deve ser muito gostoso em meio a tanto corre-corre, você sentar, se esticar no chão fresquinho. Não sei, gostaria de dar uma parada por ali, mas sozinha também é meio chato, não é?

A partir deste depoimento e das respostas citadas anteriormente, é possível afirmar que existe uma espécie de territorialização de espaços dentro da universidade. Diferentes grupos sócio-culturais ocupam lugares diferenciados, que são associados simbolicamente a determinados grupos de alunos/as da universidade.

Quanto à segunda questão, foi possível perceber, através dos depoimentos, que para um grupo significativo, a relação dos alunos e alunas do curso de Serviço Social com os demais estudantes da universidade foi considerada “*muito restrita*”; “*tem muito ainda para ser construído*”. Acreditam que, alguns fatores dificultam esta aproximação como: os horários dos cursos que são diferenciados; a maioria dos/as alunos/as do Serviço Social trabalha ou faz estágio e não tem tempo para estar na PUC; a grade curricular do Departamento já vem pronta, dificilmente fazem disciplinas com outras turmas: “*as nossas eletivas fora são programadas pelo Departamento. Já vem a grade do Departamento; a gente tem os horários fixos, os professores de outros departamentos vêm dar aula para nós*”. Nesse caso, alunos e alunas de outros cursos vêm, às vezes, fazer disciplinas com eles/as.

Acho, no meu ponto de vista, que ainda está em construção, porque sempre vem um grupo de cinco, seis, às vezes menos... algumas disciplinas eletivas que o pessoal vem e faz junto com a gente. A princípio eles ficavam meio que distantes, eles não se aproximavam. Com o passar do tempo alguns chegavam

a se enturmar, fazer trabalhos em grupo, mas também era muito pouco, é muito pouco ainda.

Eu acho que a gente... pelo fato da gente não ter tanta interação acadêmica mesmo, de sentar junto, de estar ali, é muito restrita. Acho que falta muito. A gente precisa da interdisciplinaridade, mas a gente tem muito pouca com os alunos da PUC. A gente faz matérias que a gente esperava estudar com o pessoal de História, com o pessoal de Direito, esperava e nunca acontece. A gente fica só com a gente, só com a mesma turma, só com o mesmo período.

Para três alunas, duas não oriundas de pré-vestibulares comunitários e uma oriunda do PVNC, a dificuldade de aproximação com outros alunos/as se dá porque existe um distanciamento dos dois lados:

Sinto que o entrosamento maior é com alunos bolsistas também de outros cursos. Acho que também porque alguns já se conhecem do pré. Acho que as pessoas se sentem mais discriminadas... acho que a pessoa se sente diferente e é diferente por alguns aspectos, por outros lógico que não. Sei lá, acho que tem preconceito dos dois lados, entendeu? Tanto dos cursos de não querer... sei lá se eles também não querem conhecer, mas principalmente do Serviço Social de não querer conhecer os outros.

Acho que é uma relação que eu vejo que deveria, precisaria ser melhor observada para ser melhor descrita também. A primeira vista, assim, parece que é uma relação é... eu diria de indiferença, não uma indiferença hostil, é uma indiferença no sentido de: 'Ah, eles estão aí, tudo bem!' (...) eu não sei se é uma impressão que eu tenho ou se é realmente verdade, mas me parece que há uma certa distância que é colocada pelos próprios alunos do Serviço Social. Eles são diferentes, se sentem diferentes, assumem essa diferença, mas isso não pode nunca impedir que eles estejam em tudo, fazendo parte de tudo, se interessando por tudo, por todos os eventos, etc.

A aluna que veio do PVNC expressou-se da seguinte forma:

Eu não consigo ver que é muito boa não. Acho que tanto os alunos do meu curso, como os alunos de outros cursos são culpados. Os alunos do meu curso já vêm assim: 'Ah, é elite, é não sei o quê. Me olham assim. Então vou me fechar.' Entendeu? Acho que a turma também não dá abertura para isso. Os caras olham e a gente: 'Pô!' Porque não adianta, dá para perceber... o aspecto, a fala, não adianta, o rico pode estar descalço que você... ele é diferente, eu não sei, tem algo diferente, sem preconceito, é a realidade. Mas a gente não, a pessoa já sabe mesmo: "Pô, aqui dentro da PUC, pobre." Então, o pessoal se afastou assim no canto.

Outras duas alunas foram mais enfáticas e afirmaram que esta relação é, praticamente, inexistente:

Você conta a dedo os que conseguem se enturmar com outros estudantes, que conseguem participar do DCE, que conseguem participar das festinhas. Você conta a dedo. Nem sei se existe.

Eu não vejo interação nenhuma. Porque tem muitos alunos de outros cursos que vão fazer aula com a gente, mas eu não vejo interação nenhuma. Entram lá, fazem os cursos, saem... porque as meninas de dentro não se aproximam, as de fora não tinham nada a perder, ficavam só aquele período e iam embora.

Sobre esta questão, podemos perceber que as diferenças sócio-econômicas e culturais perpassam todas as respostas e, evidenciam que a inserção desse grupo de alunos/as na PUC-Rio provoca uma nova realidade que precisa ser mais explicitamente trabalhada por toda a universidade para que as interações, os diferentes espaços, os apoios mútuos, o combate ao racismo, à discriminação e às diferentes formas de guetificação possam ser cada vez mais discutidas no âmbito universitário.

Nesse sentido, a contribuição da perspectiva intercultural em educação pode ser adequada e enriquecedora, uma vez que, como ressalta Candau (2002a), esta perspectiva favorece *“a inter-relação entre diferentes grupos sócio culturais”* por que trata-se de *“um enfoque que afeta a educação em todas as suas dimensões, favorecendo uma dinâmica de crítica e auto-crítica, valorizando a interação e a comunicação recíprocas”*(p.98).

Para esta autora, a promoção de processos educativos que contemplem esta perspectiva deve apresentar alguns critérios básicos: 1) a educação deve ser vista como uma prática social; 2) a educação intercultural não deve ser reduzida a determinadas áreas curriculares, atividades ou situações, nem tampouco deve restringir-se a determinados grupos sociais; 3) esta perspectiva deve questionar o etnocentrismo, bem como os conteúdos selecionados; 4) deve articular ao nível das políticas educacionais e das práticas pedagógicas o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural com relação às diferentes identidades; 5) deve afetar não apenas

o currículo explícito, mas também o currículo oculto e as relações entre os diferentes agentes do processo educativo (Candau,2000:58).

5.4

“Essa iniciativa tem uma marca de práxis”

Perguntamos ao/às entrevistado/as o que achava(m) da iniciativa da universidade e do Departamento de Serviço Social de privilegiar a entrada de estudantes oriundos de pré-vestibulares comunitários em seus cursos e, quais seriam os elementos enriquecedores dessa experiência. Para um grupo significativo, trata-se de uma iniciativa importante porque viabilizou o acesso de pessoas de baixa renda ao ensino superior:

Acho que é uma iniciativa inovadora, pioneira, nesse perfil de faculdade que seria aqui a PUC. Eles estarem apoiando o pré-vestibular como um instrumento, hoje, caracterizado como da política de ação afirmativa... isso é uma iniciativa inovadora nesse percurso, mas também a gente não pode perder de vista que isso também... eu penso nos dois lados... tem também a questão que o Departamento estava acabando na questão do Serviço Social. Acho que não pode se perder de vista esse ponto também. Porque foi uma iniciativa, mas foi uma iniciativa de mão dupla porque foi bom para a gente, mas beneficiou muito o Departamento porque a partir disso ele cresceu muito.

Acho excelente porque está dando oportunidade para uma pessoa que não tem como entrar na universidade, principalmente aqui. Porque a gente passa pelo vestibular e sabe que é igual para todo mundo independente da situação econômica. Então, você tem que estudar muito, tem que correr atrás e eu acho que foi uma grande iniciativa. Isso não aconteceu só para o Serviço Social, aconteceu para todos os outros cursos. Isso foi excelente, espero que continue.

Acho que é uma experiência muito positiva, é meio que revolucionária até para as pessoas que não são provenientes do pré estarem convivendo com outras pessoas, de outros lugares, de outra cultura diferente dentro desse campus. É uma experiência boa tanto para eles quanto para nós.

É interessante notar que, apenas uma aluna utilizou o termo ‘ação afirmativa’ ao caracterizar a iniciativa de inserção desenvolvida pela universidade e, especificamente, pelo Departamento de Serviço Social. A discussão em torno desse tema parece não estar presente nas reflexões desses/as estudantes. Para Medeiros (2002:68), a ausência de debates pode favorecer distorções e, fomentar a idéia de que

as ações afirmativas não deram certo em outros países e não devem ser empregadas na sociedade brasileira.

Apesar de reconhecerem a importância dessa iniciativa, deixaram bastante claro que a entrada desses/as estudantes no corpo discente de diversos cursos de graduação beneficiou tanto a universidade quanto os próprios departamentos, no caso, o de Serviço Social: *“comecei a perceber que na PUC o Serviço Social existe porque existiu essa abertura para os pré-comunitários”; “a gente sabe que essa iniciativa foi uma forma de manter o Departamento, manter a ciência do Serviço Social em pleno vigor aqui dentro”*.

Para o aluno não existiu privilégio na entrada porque esta foi conquistada *“com um bom desempenho no vestibular”*. Para ele, *“estarmos aqui é lucro para a universidade. A gente sabe que também há um lucro com a relação da filantropia, com todas as despesas que a gente fornece para a universidade. (...) a única facilidade que a gente tem é essa permanência com a bolsa”*.

No que tange aos elementos enriquecedores dessa experiência, os aspectos mais citados foram: *“trazem a realidade para a PUC. Acho que é mais fácil compreender a situação social”; “acho que trazem toda uma bagagem, uma vivência das coisas que sofreram na pele, querendo mudar essa situação”; “acho que é uma questão política e social diferenciada mesmo”; ou “uma coisa é você ver a realidade social por uma vidraça, ver de longe, outra coisa é você vivenciar aquilo, você saber o que é depender de um serviço público que não existe. É ver as coisas de um outro ângulo”*.

Além dos aspectos mencionados, uma aluna afirmou que o fato de estar na universidade influenciou seus amigos e familiares a ingressarem no ensino superior:

Muitos amigos e primos que não pensavam em tentar vestibular estão fazendo os exames. Minhas irmãs menores estão fazendo pré-vestibular, estão tentando o vestibular. Então, vejo como eu consegui mexer em tantas coisas, entendeu? Acabei influenciando as pessoas que estão a minha volta.

Tendo em vista este conjunto de respostas, podemos dizer que este grupo de estudantes entende que um dos aspectos mais enriquecedores dessa experiência é a possibilidade de trazerem a realidade brasileira para um campus universitário

considerado entre os de maior prestígio do país. Outro aspecto citado, diz respeito ao processo de empoderamento de capacidades e potencialidades experimentado por estes alunos e alunas que, geralmente, são a primeira geração de universitários na família. Ao obterem o sucesso no vestibular e o ingresso na vida universitária, atuam como agentes multiplicadores em seus universos sócio-culturais.

5.5

“A gente precisa mostrar a nossa cara”

Pedimos ao/às entrevistado/as que descrevesse(m) os/as alunos/as do curso e a relação existente entre eles/as. Depoimentos como: *“são alunos guerreiros mesmo, todos com muita força de vontade”*; *“são pessoas que almejam a mudança, a transformação social e querem se instrumentalizar para fazer isso da melhor forma”* ou *“são pessoas comprometidas, com uma garra muito grande, uma vontade muito grande de crescer e de estar colaborando nessa sociedade”*, expressam a tentativa de caracterização desse grupo de estudantes.

Aspectos sócio-econômicos e culturais também foram mencionados: *“são oriundos de pré-vestibular, a grande maioria tem bolsa, são pessoas de comunidade que têm vontade de fazer uma universidade”*; *“eu diria que são de classe média baixa como eu”*; *“a gente traz realidades diferentes, uma cultura diferente... as pessoas não têm contato com isso, não são oriundas desses lugares”*; *“são pessoas que vêm de comunidades carentes, extremamente carentes em vários aspectos”*; *“são pessoas que vêm de muito longe, batalhadoras”*.

De uma maneira geral, a descrição feita pela maioria do grupo entrevistado, enfatizava os aspectos positivos dos alunos e alunas do curso e, esta afirmação pode ser exemplificada através de depoimentos expressivos:

Você vê que são engajados, que de alguma maneira estão ligados a uma ação nas comunidades, são pessoas referência dentro das comunidades. Querem transformar onde eles estão, serem multiplicadores daquilo que eles estão recebendo aqui dentro.

São pessoas, em sua maioria, comprometidas com alguma militância já no seu histórico. Pessoas com uma certa idade, que têm vários objetivos para sua vida

e para a comunidade. Que já tinham um histórico de liderança comunitária, alguma vivência em associação de moradores.

São guerreiros e guerreiras e estão com certeza, já entram aqui um degrauzinho acima, porque têm uma história de vida, de luta, de sofrimentos, mas de vitórias.

Apenas duas alunas expressaram-se de maneira diferente:

Eu percebo uma turma de difícil convivência... não são nada solidárias umas com as outras. Acho que em um grupo tem que haver essa integração e eu não percebo isso. Entraram assim e vão sair assim.

Eu coloco que são pessoas que entram sem conhecer nada de direitos e saem quase do mesmo jeito, entendeu? (...) elas não têm conhecimento, não lêem, passam aqui batidas, não conseguem perceber o que tem de bom, não participam do movimento estudantil, não são estimuladas, não percebem a importância que tem o movimento estudantil para o crescimento delas politicamente, não são questionadoras. Esse é o perfil das meninas. Elas melhoraram um pouquinho, um pouquinho de nada.

As respostas sobre a relação existente entre os alunos e alunas do curso seguiram a mesma linha da questão anterior. Também foram enfatizados aspectos positivos dessa relação. A principal ênfase foi dada à ajuda mútua, ao companheirismo e à solidariedade existente entre o grupo de estudantes. Entretanto, ao descreverem esta relação ressaltaram sempre que estavam falando, especificamente, das suas turmas, visto que, a aproximação com os outros períodos é muito pequena.

É uma relação muito amigável mesmo, de ajuda, de união mútua. Eu, particularmente, como tenho dificuldade financeira e por ser de outra cidade, em determinados momentos, além da carência afetiva da família, de suporte, de condição econômica... em todos os momentos, qualquer dificuldade que eu possa ter, alguém me adota em determinado momento e isso não é só um fato comigo. Acontece com outros alunos também.

Por exemplo, na minha sala tem... não sei como é que chama... uma caixinha. O ano passado a gente fez um negócio aí no pilotis, na semana da primavera, para arrecadar dinheiro para quem não tem dinheiro para a passagem. É lógico que não é geral, mas a maioria é solidária.

(...) tem uma solidariedade. Isso é bem forte porque a gente tem toda uma trajetória de vida, cada um, de certa maneira se identifica com o outro, são

fatos que se aproximam, então, a gente tem como proposta estar se unindo para que, justamente, esses problemas sejam minimizados, não cresçam.

Duas alunas, uma não oriunda de pré-vestibular comunitário e outra oriunda do PVNC, enfatizaram que o relacionamento existente entre eles/as é bom, mas chamaram atenção para um certo fechamento do grupo:

É uma relação de muita proximidade, de muito companheirismo, de solidariedade e, como todo relacionamento humano tem conflitos. (...) como são a maioria têm os mesmos problemas, trazem a mesma realidade, nem sempre esse relacionamento se enriquece porque ele fica na roda ali, fechada. Acho que o relacionamento entre os alunos do Serviço Social é bom, mas é preciso que ele seja estendido, que os próprios alunos estejam mais abertos a se integrarem com os outros alunos de outras áreas. É muito bom que os alunos se integrem com outros alunos de outra realidade sem medo do que aquele convívio possa trazer porque existem preconceitos dos dois lados.

Acho que todos se dão bem. Na minha turma é amigável, só que é muito em grupo, ela é fechada. Assim, reuniu um grupo, grupinhos e ali ficou. De vez em quando um para fazer trabalho com o outro é difícil... com as outras turmas a gente se dá bem. (...) a minha turma gosta muito de tomar a frente, tem mais iniciativa do que as outras, por causa de negócio de congresso, essas coisas todas. Acho que tem uma rixa com o 7º período, não sei direito.

Para uma outra aluna, a relação é boa e poderia ser ainda melhor, mas a questão da falta de tempo é limitadora:

Eu penso que se a gente tivesse mais disponibilidade seria mais unida. Em relação ao curso, em relação aos alunos, porque quando a gente entra em período de estágio fica, realmente, muito cansativo. Conforme a gente vai mudando de período vai ficando mais difícil até com a própria turma porque chega em cima da hora para a aula. (...) a gente ainda dedica no fim de semana algumas atividades de trabalho voluntário. Então, não dá pra gente manter aquela união, mas a gente percebe na relação que o máximo que a gente pode a gente está trocando, conversando, se preocupando.

Para duas alunas, a relação entre os/as alunos/as não foi considerada positiva:

O relacionamento é meio fragmentado. Tem um relacionamento como um todo, mas tem, digamos assim, panelinhas. Claro que isso existe em qualquer lugar, em qualquer grupo de amigos, de colegas de trabalho também existe, mas eu vejo que tem aquela coisa de você estar com uma pessoa por interesse

ou... há também uma coisa, aquela defesa que eles têm em não deixar a pessoa entrar também, está entendendo?

O Departamento de Serviço Social... eles percebem as panelinhas, mas eles não fazem nada para desmanchar. Aqui a gente percebe, claramente, que eles deixam. Então, o relacionamento é muito ruim, são panelinhas que criticam a outra.

Baseando-nos em todos os depoimentos citados, podemos afirmar que o aluno e as alunas entrevistado/as tendem a enfatizar os aspectos positivos da relação entre os/as estudantes, mas também identificam tensões entre eles/as, assim como na sua interação na universidade como um todo. A necessidade de se trabalhar a tendência a formar grupos ‘fechados’ e ao isolamento na dinâmica global da universidade também foram aspectos destacados com veemência.

5.6

“Depende muito da proposta do professor”

Perguntamos ao aluno e alunas como descreveria(m) a relação existente entre o corpo docente e discente. Do total de estudantes entrevistados, a maioria afirmou que há uma relação boa, tranquila, mas que é difícil fazer generalizações e expressaram-se da seguinte maneira:

A relação é muito boa. Tem professores que tentam, na medida do possível, entender a realidade do aluno, da maioria das pessoas que estão ali estudando. Nunca vi maiores problemas, a não ser de alunos que não conseguem, não estão acompanhando a questão pedagógica, fora isso, nunca vi nenhum tipo de embate. Porque até já sabem o histórico, o perfil dos alunos que estão vindo... às vezes são alunos que estão tendo algum tipo de dificuldade, eles tentam ver de outra forma.

A gente consegue estabelecer uma relação muito boa com os professores. Os professores que estão dando aula, em sua maioria, são professores que aceitaram dar aula para esse público de ensino defasado, porque eu sei que muitos se recusaram a dar aula, não quiseram dar aula.

Pensando na maioria dos professores nosso relacionamento é ótimo. Não é porque somos bolsistas que os professores passam a mão na cabeça, não. Muito pelo contrário, eles exigem que é para quando a gente sair daqui possa mostrar que fomos alunos daqui. Que não importou se fomos bolsistas ou não.

Duas alunas ressaltaram que, além de terem uma boa relação com as professoras, algumas também conseguiram fazer uma aproximação entre os conteúdos e a realidade do corpo discente:

Eu acho que é uma boa relação. Os professores demonstram... acho que eles descobrem uma riqueza em cada turma. Os professores que eu tive...eles se preocupam em estar ouvindo as experiências e fazendo a ligação com a disciplina. Se a turma tem sugestão... é bem dinâmico, não é aquela coisa vertical, é bem horizontal.

Acho que depende muito da proposta do professor, o que ele se propõe com a turma. Se ele propõe uma postura aberta, um diálogo aberto, a turma vai receber bem. Se ele vier com uma postura fechada que impeça a participação, a posição, a turma se fecha e acaba criando uma relação ríspida, mas 70% nos absorveram muito bem, conseguiram se identificar com o nosso grupo, com as particularidades do nosso grupo. Conseguiram aproximar o conteúdo com a nossa realidade que é uma coisa nova, eles nunca viam. A grande maioria do corpo docente conseguiu fazer essa aproximação e de forma muito boa.

Para uma aluna, os/as professores/as estão diante de um desafio, pois, precisam encontrar *“a medida entre uma aula em que exigem muito e uma aula light”*:

Existem professores que pensam assim: ‘tenho que dar o mesmo curso tanto para quem saiu dos melhores colégios da cidade quanto para quem veio das escolas públicas com todas as dificuldades que as escolas públicas têm passado’. Exigem, exigem, ao ponto do aluno ficar bloqueado. Outros pensam: ‘vou passar um texto mais leve, vou dar uma aula mais light, senão o pessoal não agüenta. Vou ficar aqui falando e não me acompanham’. (...) o professor também não está tão preparado assim para receber esses alunos. Teria que se trabalhar os professores para receberem esses alunos.

Apenas uma aluna declarou que a relação existente entre as professoras e alunos/as não era boa. Foi enfática em seu depoimento:

É uma relação de submissão, de puxa saquismo, entendeu? Você é bem aceita quando você bajula, quando você valoriza, quando você pensa mais ou menos igual, quando você leva para dentro da sua comunidade as coisas que a PUC inventa aqui, como essa alfabetização para adultos em 6 meses que é impossível, e outros projetinhos que você leva para a sua comunidade.

A ressalva feita por dois estudantes (o aluno e uma aluna) refere-se ao pequeno número de profissionais que compõem o quadro docente: “*com elas a aproximação é muito boa, de respeito e de qualidade. A gente só tem uma restrição, o número de professores*”; “*são poucos professores. Você estuda o tempo todo com os mesmos professores do início até o final*”.

A partir das respostas dadas a esta questão, podemos dizer que a maioria das professoras parece estar sensível às questões trazidas para a sala de aula por este grupo de estudantes.

5.7

“A gente está mais em aula expositiva mesmo”: a dinâmica do curso

Perguntamos ao/às entrevistado/as o que ele/as achava(m) das práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras na sala de aula, das formas de avaliação, dos conteúdos trabalhados nas disciplinas e das bibliografias indicadas.

Com relação às práticas pedagógicas, a maioria afirmou que “*são boas, trabalham bem as disciplinas*”, mas que não era possível fazer generalizações por que “*as práticas de ensino dependem muito do objetivo que o professor tem*” ou porque “*tem professor que é bem ativo, que é bem para frente, que levanta a turma, que a turma vai naquele pique e termina pegando com mais facilidade e outros não*”.

No entanto, ressaltaram que “*a maioria delas dá aulas mais expositivas*”.

A gente está mais em aula expositiva mesmo. Tinha uma professora que era boa em dinâmica, mas agora... nesses períodos... é pegar, ler um texto, juntar em grupo, comentar, escrever. É mais aula expositiva mesmo.

Tem aulas mais expositivas... o professor fica falando, falando, falando... o aluno quer falar... nas participativas a turma rende mais.

Cinco alunas disseram que há uma professora que se destaca entre as demais porque “*procura inovar sempre*”, “*fala muito de prática, dá exemplos, empolga a turma, todo mundo fica querendo saber mais*”. Segundo estas alunas, a professora utiliza recursos que estimulam a participação da turma. Este depoimento ilustra bem esta afirmação:

Uma professora que tem bastante dinâmica variada é a professora X, entendeu? Sempre tem alguma coisa diferente. Ela levava a turma... praticamente a aula não era dada na sala, ela levava todos os alunos ali para as Araras. Nós tínhamos que trabalhar questões da disciplina fazendo teatro. Foi um aprendizado que, se tocar em algum assunto você, automaticamente, está ligado no que você fez.

Uma aluna e o aluno mencionaram a questão da capacitação do corpo docente e, expressaram-se assim:

A gente queria uma relação de mais atualidade, sabe? Nossos professores são gabaritados, são excelentes, mas a gente precisa ainda de matérias voltadas também para o mercado de trabalho, não só de formação de Assistente Social para trabalhar na sua comunidade. Acho que são poucos os professores que têm essa mentalidade, que aplicam matérias que vão cair em concursos. Acho que nós estamos precisando de uma reciclagem de uns professores.

Não sei como pode ser feito isso, mas precisamos de mais capacitação para os professores ou outros professores vindos de outras universidades.

No que se refere à avaliação, as formas mais citadas foram: provas, seminários, resenhas, fichamentos de textos e participação em aula. Para onze estudantes, estas formas de avaliação foram consideradas boas, porque “*os professores dão muitas oportunidades, dão condições de você melhorar se estiver ruim*”. O aluno afirmou que prefere a avaliação oral e, acredita que a maior parte das pessoas de sua turma também preferem porque “*nossa forma de expressão é muito qualitativa; alguns professores entendem e levam isso em conta na hora de avaliar*”.

Uma aluna declarou que não gosta de algumas formas de avaliação porque

Não existe uma programação dos períodos de prova. Você faz tudo ao mesmo tempo. Acho que os professores tinham que sentar e combinar para não dar uma prova atrás da outra porque você acaba não dando o melhor de si.

Duas alunas disseram que as formas de avaliação são “*horríveis*” e, sugeriram uma avaliação contínua: “*os professores poderiam ir vendo nosso conhecimento durante o curso, durante o semestre*”; “*tem horas que eu queria uma avaliação diferente. Eu não sei o que mudar, mas tinha que dar um jeito. Talvez uma avaliação constante*”.

Para outra aluna, a avaliação

Sempre foi a mesma coisa. Prova, seminário... tem professor que joga muito seminário e o aluno acaba não aprendendo nada porque, às vezes, o outro aluno não tem aquela didática para estar passando aquela matéria. Então, quer dizer, não acrescenta muita coisa.

As respostas obtidas sobre os conteúdos trabalhados nas disciplinas também foram variadas. Para a maioria dos estudantes entrevistados os conteúdos foram considerados bons:

Os conteúdos são bons, são conteúdos básicos mesmo. Além da teoria do Serviço Social, o intercâmbio que se faz, as pontes com a psicologia, com a filosofia, a história, são pontes necessárias, são noções, você tem noções.

Tivemos noção de direito, psicologia, tanto da personalidade quanto a psicologia social. Tivemos noção de economia, antropologia, sociologia, geografia, história. Tivemos todas essas disciplinas que enriqueceram muito. O currículo é bom.

De acordo com duas alunas, o curso da PUC ensina três correntes filosóficas que são, a fenomenológica, a positivista e a marxista, enquanto as outras universidades trabalham somente a perspectiva marxista. Para elas, este é um aspecto importante porque *“dá possibilidades para você debater. Para você criticar tem que conhecer”*, ou *“quando a gente vai para o estágio e tem contato com outros alunos que são do Serviço Social de outras universidades a gente percebe que tem mais conteúdo do que eles”*.

Em contrapartida, para uma aluna que estava encerrando o curso,

Existem Inhas que não são aprofundadas por conta desse pluralismo. Se eu não tivesse buscado isso, não tivesse feito parte de uma pesquisa de uma pessoa que é marxista, não teria conhecido se dependesse da grade do curso. Acho isso ruim aqui na PUC. É um Serviço Social que falta política, falta sociologia, dá-se o básico do básico, não tem um aprofundamento como nas outras universidades.

Para esta aluna, deveria ser feita uma *“reestruturação do programa do curso para que autores que estão no auge do debate do Serviço Social, que a gente conhece superficialmente, possam ser mais tematizados aqui”*.

Já as respostas sobre as bibliografias indicadas, podem ser divididas em dois grupos. No primeiro, palavras como “*boas, atualizadas, apropriadas ao curso*” foram mencionadas:

Acho que todo corpo docente tenta passar para nós bibliografias bem recentes. Tem sempre essa preocupação de não ser uma bibliografia muito ultrapassada, mesmo porque, dependendo da disciplina você nem consegue fazer uma análise com um conteúdo que já aconteceu, que na realidade atual nem se implementa.

É uma vastidão a bibliografia que os professores fornecem e, todos eles dão essa bibliografia que, é lógico, não é esgotada em um período. Então, bibliografia serve para a vida inteira até se a pessoa quiser.

No segundo grupo, as opiniões foram opostas. As bibliografias foram consideradas “*defasadas, desatualizadas, ultrapassadas*”.

Tem alguns professores que as bibliografias... eles trazem umas coisas que não têm nada a ver com o momento, com a atual conjuntura do Serviço Social.

A nossa bibliografia é uma bibliografia defasada, desatualizada, tem muita coisa ultrapassada.

São bibliografias antigas, muito antigas. Acho que a gente precisa, a gente tem pessoas capacitadas dentro do próprio Departamento, que têm uma bagagem boa e que poderiam começar a escrever.

Apesar de expressarem posições distintas com relação às bibliografias indicadas, para os dois grupos, a biblioteca da PUC possui poucos títulos que estão, segundo este/as estudantes, em péssimas condições.

São poucos os livros na biblioteca do Serviço Social. Acho que tinha que ser visto e revisto porque a maioria não tem condição de estar comprando livro. Vai para a biblioteca e, às vezes, não consegue achar aquele autor ou aquele título que você está procurando. Apesar de ser uma bibliografia rica, acho que o Departamento tinha que estar vendo isso junto à biblioteca, a quem de direito tem que ser visto.

Os nossos livros dentro da biblioteca são mínimos e estão em péssimas condições. Tem livro que está faltando folha, está rasgado, está todo rabiscado.

Não temos muita variedade de títulos para pesquisar. A gente tem que sair daqui para a UERJ ou outra universidade que tenha o Serviço Social. Isso me deixa muito triste porque sei que a biblioteca da PUC é a melhor do Rio de Janeiro em termos acadêmicos. E no caso do Serviço Social ela também...o Serviço Social dentro dela também é excluído.

Finalizando o bloco de considerações sobre a dinâmica interna do curso, perguntamos ao/às entrevistado/as se havia algum tema que ele/as gostaria/gostariam que estivesse mais presente ou que fosse acrescentado ao programa do curso².

Os temas que gostariam que fossem mais enfatizados no curso foram: ética profissional, violência doméstica, administração “*para conhecer melhor sobre empreendedorismo*”, direito “*principalmente essa questão da adoção. Essa questão do jurídico deixou um pouquinho de falta para nós, isso ficou meio vago*” e política.

Nós até temos a discussão sobre política, pelo menos estou tendo agora no 6º período. Está sendo interessante, mas acho que isso deveria ser uma matéria... para nós que vamos sair daqui profissionais do Serviço Social para trabalhar dentro da sociedade que estamos vivendo hoje, a gente precisa saber política mesmo, discutir política, discutir os acontecimentos, entendeu?

Eu acho que teria que ser discutida a questão da ética, ética profissional. Nós tivemos ética profissional, mas acho que tínhamos que ter trabalhado mais em cima da ética do Serviço Social.

Presente está, mas acho que poderia dar uma maior ênfase. Acho que seriam as políticas sociais, mais precisamente as políticas públicas. É uma deficiência que eu sinto apesar de ter feito Política Social.

Quanto aos temas que gostariam que fossem acrescentados ao programa do curso foram citados: gênero, raça, etnia, análise e produção de texto acadêmico, previdência social, a discussão sobre a LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), questões da área de saúde, questões sobre o idoso, filosofia “*a humanística porque nós vamos lidar com humanos*”, Serviço Social no esporte e direitos humanos.

² A disciplina “Seminário de Conteúdo Variável”, obrigatória do curso e iniciada a partir do 6º período, pretende ser um espaço de discussão de temas atuais do Serviço Social. Examinamos os programas dessa disciplina (6º, 7º e 8º períodos) e identificamos as seguintes temáticas: Gerontologia Social; Serviço Social Internacional; Serviço Social contemporâneo e as tendências atuais da profissão; Sistema Único de Saúde na cidade e no Estado do Rio de Janeiro; Políticas Sociais Setoriais (saúde, trabalho, infância e adolescência, educação, exclusão social, direitos humanos); A violência doméstica contra crianças e adolescentes.

Gênero e etnia aqui na PUC não existe. Meu grande dilema é esse, porque eu estou nessa linha de gênero. Quer dizer, tem gênero, mas não se acrescenta etnia. A questão racial que é tão forte no Serviço Social... porque são pessoas, prioritariamente, que vêm dessas comunidades para cá... o grande diferencial do PVNC é a vinda dos negros para a universidade e, isso no Serviço Social aqui da PUC não é tratado.

O que eu gostaria de ter estudado era sobre a Previdência Social. Acho que é muito importante porque engloba toda a área social.

Uma das coisas que eu gostaria de ter visto é o estudo sobre saúde, sobre o idoso e a LOAS também. Tem vários estudos, várias monografias que poderiam ser... juntar e fazer um livro.

Interpretação de texto, análise de texto, entendeu? Relacionado ao português, à produção de texto. Eu sinto essa dificuldade no português, não só eu mas outras alunas da minha turma também. Acho que isso deveria ser acrescentado, deveria ser obrigatório.

Este conjunto de respostas salienta alguns aspectos importantes da dinâmica interna do curso. Contrariando as afirmações dadas para a questão anterior onde ressaltavam que as professoras *“se preocupam em estar ouvindo as experiências e fazendo a ligação com a disciplina”* ou *“conseguiram aproximar o conteúdo com a nossa realidade”*, não foram citados exemplos de práticas pedagógicas, formas de avaliação, conteúdos ou bibliografias que levem em consideração as experiências e/ou perspectivas culturais desse grupo de estudantes. Ao contrário, o tema da raça e etnia não está presente, como declarou uma aluna, em um curso formado por uma maioria de alunos/as afrodescendentes.

Outro aspecto que merece ser citado é a ausência de alguma disciplina de análise e produção de texto acadêmico que auxilie esses/as estudantes em suas dificuldades com o manejo da língua escrita. Ao examinarmos as ementas do curso de Serviço Social, percebemos que esta disciplina não faz parte da grade curricular desse curso como uma disciplina obrigatória, quando as dificuldades de leitura e escrita são enfatizadas pelo corpo docente.

Para Moreira & Silva (2000:7), o currículo é considerado um artefato social e cultural; está implicado em relações de poder e produz identidades individuais e sociais particulares. Ou seja, os conteúdos curriculares expressam uma posição político-ideológica.

Na perspectiva multicultural, a interseção multiculturalismo-currículo assume especial relevância porque visa, segundo Canen & Moreira (2001:30), dois propósitos básicos: 1) promover o respeito pela diversidade, reduzindo preconceitos, estimulando atitudes positivas em relação ao ‘diferente’, promovendo a capacidade de assumir outras perspectivas; 2) preparar os alunos para o trabalho coletivo em prol de justiça social, evidenciando as relações de poder envolvidas na construção da diferença, criando oportunidades de sucesso acadêmico para todos os alunos, incentivando habilidades e atitudes necessárias ao fortalecimento do poder individual e grupal.

5.8

“Tem que continuar com esse trabalho”: perspectivas de futuro

Finalizando as entrevistas perguntamos ao aluno e alunas se ele/as faria/fariam alguma sugestão ou proposta à direção da universidade e à direção do Departamento de Serviço Social para mudar e/ou garantir a continuidade da experiência de inserção de estudantes de camadas populares e afrodescendentes na universidade.

Para a maioria, a direção da universidade deve continuar garantindo o acesso desses estudantes em seus cursos, bem como o apoio financeiro, tendo como perspectiva a ampliação dessas oportunidades *“para que, um dia, alunos carentes possam ingressar nos outros cursos”*.

Acho que deve garantir a entrada. Garantir dentro da própria possibilidade que a universidade tiver. Não precisa que sejam 500, 800, 1000 alunos, mas que esses alunos tenham acesso ao mesmo nível de ensino, os mesmos direitos que os outros, que os professores também possam... não sei como é a capacitação dos professores, mas que a universidade saiba dar todo esse suporte infra-estrutural para o professor.

Acho que eles deveriam continuar com essa proposta porque ela já vem de muitos anos e, que eles possam cada vez aumentar essas oportunidades porque a gente sabe que a procura é muito grande e que as dificuldades que aparecem para essas pessoas ingressarem na universidade também são muito grandes. Acredito que, eles devem manter essa porta aberta e aumentar o número de vagas.

Acho que deve manter a experiência e o apoio financeiro. A Pastoral já vem fazendo o trabalho do FESP, que é o auxílio aos jovens que entram porque têm, realmente, muita dificuldade. É um sufoco muito grande a questão da

alimentação. Acho que não pode perder de vista isso porque senão dificulta mesmo, principalmente nesse início de vida acadêmica. Acho que a pessoa não consegue se não tiver um auxílio.

Tem que continuar com esse trabalho, vendo a dificuldade da população, abrindo espaço para ela e dando condições porque é o que eu sempre digo: 'Ruim não é você entrar, difícil é você ficar'; porque você tem que ter condições para estar aqui.

A sugestão de uma aluna é de que a universidade recrute os/as alunos/as do curso de Serviço Social como estagiários/as:

Acho que a universidade não aproveita nem um pouco desse investimento que ela dá, na medida em que tem um campus imenso como esse... eles não usam o trabalho dos estagiários do Serviço Social. A gente tem funcionários aqui, famílias, jovens que, de repente, precisam ser trabalhados. A universidade deveria aproveitar mais o Serviço Social e oferecer estágio para o pessoal aqui. Quem sabe montar um núcleo sobre família, como por exemplo, o de psicologia. Acho que seria muito válido.

Outra aluna acredita que, a experiência de inserção desses/as estudantes vai continuar. Entretanto, ela não concorda com a perspectiva adotada pela universidade.

É um projeto assim... você forma tantos universitários de comunidade... a PUC é maravilhosa e ponto. Não existe a intenção de se fazer um cidadão. O objetivo são os números para a sociedade, para manter-se filantrópica. Não existe um objetivo maior...formar cidadãos que saiam daqui para a mudança, para uma transformação social.

De uma maneira geral, as sugestões e propostas feitas para a direção do Departamento de Serviço Social seguiram a mesma linha das respostas anteriores. Para uma maioria significativa, o Departamento deve continuar a experiência de inserção e ampliar as oportunidades para esses/as estudantes. Foram mencionadas também algumas sugestões referidas à capacitação de professores, bibliografia e currículo.

Acho que tem que continuar porque foram eles que tiveram essa iniciativa. Acho que se crescesse, o Departamento poderia oportunizar muito mais a entrada de outros alunos. A mudança que tem que ser feita, eu acho, é a nível mais pedagógico do que da iniciativa porque a iniciativa está aí e é isso

mesmo. A gente tem direito, acho que esse é o caminho mesmo, mas acho que deveria ser mais discutido aqui dentro da universidade.

Acho que deve continuar. Outros departamentos deveriam incentivar mais. No departamento acho que é mais a reciclagem dos professores.

Acho que esse projeto não deve morrer e, eu sei que ele não vai morrer porque o movimento está ficando cada vez maior. Eu acho negativo a gente ter que fazer estágio no 3º período. A gente é praticamente obrigada a fazer estágio no 3º período, o que é diferente nos outros cursos da universidade. Acho negativo porque você, no 3º período, ainda está conhecendo o curso, a universidade, ainda está se adaptando.

Deve continuar mas há um certo isolamento. As nossas disciplinas fora são programadas pelo departamento, já vem na grade e, a gente queria também ter matérias com outros cursos para que a gente possa mostrar nosso conhecimento, nossa postura.

Falando de um “*certo protecionismo*” do Departamento, uma aluna expressou-se do seguinte modo:

O Departamento quer ser mãe. A mãe que tem todos os cuidados com a sua cria, que tem que ficar protegendo e, isso prejudica o crescimento das pessoas. Botam uma redoma de vidro. Aqui ficam os alunos do Serviço Social e, por fora todo o campus da PUC, todos os alunos da PUC. Acho que isso não é legal, pois cria um isolamento daqueles alunos que não concordam com essa dinâmica. Os alunos tomam para si essa postura do Departamento e, acabam reproduzindo com aqueles que não entram nesse ritmo.

Para duas alunas, deveria haver uma maior proximidade entre os/as alunos/as e a direção do Departamento:

Nós tivemos uma reunião com a coordenadora sugerindo algumas coisas e pedindo outras porque, realmente, nós sentimos dificuldade, nós sentimos carência, sentimos que o nosso Departamento está distante. Nós queremos que ele esteja mais conosco, que esteja dialogando, discutindo os problemas do Serviço Social conosco também, as mudanças, porque vai mudar, o que está acontecendo que está mudando.

O ponto chave é abertura, diálogo, participação. Valorizar o acesso do aluno à direção, a expor suas idéias, suas sugestões. A gente vai continuar brigando pelo espaço de participação, de decisão. Claro que não em instâncias superiores, mas algumas questões. Nós somos uma das partes interessadas, a gente também tem que participar desse processo.

As respostas obtidas nestas duas questões evidenciam que, para este grupo de estudantes, a experiência de inserção realizada pela PUC e pelo Departamento de Serviço Social deve ser mantida, principalmente naquilo que se refere aos apoios financeiros que garantem a permanência desses alunos e alunas na universidade, mas que deve ser também ampliada e aprimorada em alguns aspectos como: a capacitação das professoras, aproximação entre os diferentes grupos sócio-culturais que constituem, hoje, o corpo discente universitário e a abertura de espaços de discussão na universidade como um todo foram sugestões mencionadas que poderão contribuir para o aperfeiçoamento dessa iniciativa.

O conjunto dos depoimentos revelou alguns aspectos que consideramos importantes: a iniciativa de inserção favoreceu e viabilizou condições concretas para o ingresso em um curso de ensino superior que, de outro modo, não poderia ser realizado por este segmento da população; as diferenças sociais, econômicas e culturais são as dificuldades mais enfrentadas por esses/as estudantes no contexto universitário e, as manifestações de preconceito ou discriminação são percebidas de diferentes maneiras pelos alunos e alunas; as medidas sócio-econômicas implementadas pela universidade têm garantido a permanência desses estudantes no curso; o sucesso acadêmico poderia ser maior se não precisassem trabalhar e tivessem mais tempo para estudar.

A entrada desses alunos e alunas em uma universidade considerada de elite, possibilita a abertura de um amplo debate no espaço universitário – local privilegiado para a busca de respostas – sobre as desigualdades sociais e raciais no Brasil, questões que permeiam as relações em nossa sociedade.

O desafio da construção de uma pedagogia universitária que reconheça e valorize as diferenças e promova uma educação intercultural ficou claramente explicitado nos depoimentos. Passar de um multiculturalismo descritivo para enfatizar um projeto político-pedagógico intercultural é o horizonte que a presente pesquisa aponta.

